

A PERSONAGEM TEODORICO, DE **A RELÍQUIA**

THE CHARACTER TEODORICO, IN **A RELÍQUIA**

Ana Maria de G. Almeida*

Resumo

Este artigo estuda a construção da personagem Teodorico no romance **A relíquia**, de Eça de Queirós. Com as ações desse protagonista e narrador, Eça propõe um olhar crítico e irônico sobre a sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX.

Palavras-chave: Eça de Queirós; **A relíquia**; ironia, Teodorico.

Introdução

Uma atitude “realista” que procurou retratar o mais fielmente possível os dados concretos, palpáveis e visíveis da realidade, na segunda metade do século XIX, tornou-se um programa estético embasado em postulados científicos e filosóficos. Nesse período, o afã cientificista repercutiu nas artes, colocando de lado o subjetivismo, a idealidade e a imaginação – características do Romantismo. Surgiu, então, a estética realista, que busca as causas determinantes das mazelas humanas e sociais. Na literatura, destacaram-se Gustave Flaubert, Émile Zola e Eça de Queirós, todos críticos do sistema e da pequena burguesia.

O Realismo, mesmo interpretado como um movimento revolucionário, teve, em grande parte de suas obras, um tom moralizante. Em Portugal, esse movimento mostrou a degeneração da sociedade, focando a valorização da moral e da família. Entre outros autores, destacou-se Eça de Queirós como grande cultivador desse estilo.

Em suas obras, Eça de Queirós pretendeu recriar a sociedade portuguesa tal qual se apresentava na época – dividida em classes, cada uma com sua ideologia e seus sentimentos peculiares –, com o objetivo de mostrar-lhe a sociedade falsa e “podre” que era, como afirma em carta a Teófilo Braga, segundo Nascimento (1997):

* Especialista em Linguística e Literatura Comparada pela Universidade Federal de Viçosa – MG.

A minha ambição seria pintar a sociedade portuguesa (...) e mostrar-lhe, como num espelho, que triste país eles formam, – eles e elas. (...) e com todo respeito pelas instituições que são de origem eterna destruir as falsas interpretações e falsas realizações, que lhe dá uma sociedade podre. (QUEIRÓS apud NASCIMENTO, 1997, p. 609).

Eça de Queirós exercitava uma análise estudiosa pretensamente impassível, científica e objetiva, recomendada pela teoria realista (SARAIVA; LOPES, 1985, p. 932). Mas, para vencer a insuficiência dessa teoria, para não cair numa reprodução inerte, fotográfica e, no fundo, sem sentidos dos casos observados, Eça introduziu, nas suas obras, um elemento fantástico, que se traduzia no exagero caricatural de muitos retratos, deformados com um traço burlesco, experimentando pontos de vista de sucessivas personagens até revelar, pelo absurdo, a subjetividade de cada uma, como relatam Saraiva e Lopes (1985):

A narração queirosiana tem uma qualidade lírica, sensível e humoral, que lhe confere uma poesia mais imediata, deformando as coisas recortando horizontes de vida segundo uma câmara óptica móvel que, ao experimentar uma série de ângulos de visão, nos põe, sem o resolver, o problema de descortinar qual a realidade e quais os valores objetivos. (SARAIVA; LOPES, 1985, p. 937).

Assim, para fugir da disciplina realista, Eça desenvolve sua tendência à ironia, principalmente na obra **A relíquia**. Pretende-se, pois, neste artigo, analisar a construção da personagem Teodorico, narrador e protagonista desse romance.

A ironia

É a ironia, comumente apresentada como a figura de retórica em que se quer dizer o contrário do que se diz, o que implica o reconhecimento da potencialidade de mentira implícita na linguagem. Por isso, segundo Duarte (2006), a ironia pode ter formas e funções extremamente diversificadas, em que há pelo menos dois graus de evidência: um em que o dito irônico quer ser percebido como tal, e outro em que o objetivo é manter a ambiguidade e demonstrar a impossibilidade de um sentido claro e definitivo. Muecke (1995) relaciona uma série de dificuldades para conceituá-la, como os pontos de contato entre suas várias formas e o fato de cada autor ter a sua própria ironia.

Em sua função social, a ironia se liga à ideia de reforma. O irônico não está satisfeito; ataca, brinca e ri, porque não aceita o *status quo*. Os autores, estudando as diversas funções da literatura, colocam como aspecto dessa evasão, ou como motivo dela, o conflito com a sociedade: o escritor sente a mediocridade, a vileza e a injustiça da sociedade que o rodeia e, numa atitude de amargura e de desprezo, foge dessa sociedade e refugia-se na literatura, aproveitando-se dela para atacar, conforme Almeida (1997).

Duarte (2006) afirma que a ironia serve à literatura quando esta busca um leitor que seja passivo, mas atento e participante, capaz de perceber que a linguagem não tem significados fixos e que o texto lhe pode apresentar armadilhas e jogos de enganos dos quais deverá, eventualmente, envolver-se.

Sendo um exímio ironista, Eça colocou a ironia na voz de Teodorico, pois ela revela aquilo que, de outra maneira, permaneceria oculto: as suas intenções de criticar a sociedade lisboeta.

A personagem Teodorico

A personagem é fundamental no romance, e a leitura depende de o leitor aceitar a sua verdade. Candido (2004) afirma que a verossimilhança do romance depende desse ser fictício que comunica a impressão de existência verdadeira. Ele ensina que há dois tipos de personagens: as planas e as esféricas. As primeiras são facilmente identificáveis e permanecem inalteradas no espírito, porque não mudam com as circunstâncias. As esféricas são mais complexas e capazes de surpreender, são imprevisíveis.

Comenta, ainda, Candido (2004) que a personagem tem de dar a impressão de que vive, deve lembrar um ser vivo, isto é, manter relações com a realidade do mundo, participando de um universo de ações e de sensibilidade que se possa equiparar ao da vida.

Brait (1985) relata que R. Bourneuf e R. Ouellet situam as personagens através da rede de relações que contribuem para sua existência, e apontam quatro funções possíveis que elas desempenham:

- a) função decorativa, que não tem significação especial;

b) agente da ação, que se desdobra em condutor de ação, o primeiro que dá impulso a esta e representa a força temática; em oponente, que possibilita o conflito, a força antagonista; em objeto desejado, que representa o valor a ser atingido; em destinatário, que se beneficia da ação; em adjuvante, que ajuda ou impulsiona uma das outras forças; em árbitro, que intervém para resolver o conflito;

c) porta-voz do autor, um amálgama das observações e das virtualidades do mesmo.

A caracterização das personagens é um dos elementos mais importantes entre todos do romance. Segundo Candido (2004), a visão da Arte nos proporciona uma visão mais completa das coisas do que aquela que se pode obter através do convívio com elas. No romance, o leitor pode ter uma visão completa de uma personagem, isto é, suas vidas interior e exterior podem ser reveladas e apreendidas em plenitude. Dessa forma, em suas determinações constitutivas, as personagens ficcionais parecem, muitas vezes, mais definidas do que as figuras históricas, ou mesmo as pessoas verdadeiras.

A relíquia narra a história de Teodorico, órfão que vai para Lisboa morar com a tia, D. Patrocínio, senhora muito rica, muito religiosa, avarenta e extremamente recalcada em relação a amor e a sexo. Para conseguir extorquir dinheiro da “titi”, como a chama, Teodorico finge ser tão religioso quanto ela, frequentador assíduo de missas, cristão piedoso que reza o terço diariamente. Só que, à noite, enquanto a tia dorme, Teodorico é boêmio e mulherengo.

A tia, cheia de alegria com o fanatismo religioso do sobrinho, paga-lhe uma viagem a Jerusalém, para ele ver o lugar em que Jesus nasceu e morreu, e pede que lhe traga uma lembrança da Terra Santa, que guardará como relíquia. Depois de meses, Teodorico retorna com o presente da tia. Entusiasmado com o fato de poder agradá-la e continuar merecendo seus favores financeiros, ele entrega à tia, na frente de convidados, um embrulho que contém uma camisola que havia comprado para uma de suas namoradas. É que, antes de viajar, ele acidentalmente havia trocado os pacotes. Decepcionada, a tia o expulsa de casa.

Em **A relíquia**, há o desnudamento da fragmentação do sujeito e a preferência do fundamentalmente humano: a essência, o fim, o destino do homem. Eça analisa o homem do cotidiano, com grandezas e misérias, um homem problemático considerado em suas relações com o outro.

Eça começa a caracterizar Teodorico desde a sua infância, quando o menino se sente perturbado com a lembrança da inglesa do Sr. Barão, e ironicamente, na oração, confunde-a com a imagem da Virgem Maria:

No meu peito de ferro, desperto pelo barulho das segas, eu pensava nela, rezando ave-marias. Nunca roçara corpo tão bela, dum perfume tão penetrante; ela era cheia de graça, o Senhor estava com ela, e passava, bendita entre as mulheres, com um rumor de sedas claras... (QUEIRÓS, 1999, p. 17).

O uso dos adjetivos e dos verbos para caracterizar a tia e os padres que frequentavam sua casa evidencia a língua afiada e desrespeitosa do menino Teodorico: “uma senhora muito alta, muito seca” (QUEIRÓS, 1999, p.18); “O outro, moreno e triste, rosnou só boas noites” (QUEIRÓS, 1999, p.19); “o sebento padre Soares” (QUEIRÓS, 1999, p. 20).

Ainda criança, chega à casa da tia com esperança de encontrar um amor de mãe, mas em D. Patrocínio, a titi, senhora rica, de princípios católicos rígidos, encontra a personalização da avareza, do fanatismo cristão e da falsidade, o que desperta o germe da imoralidade que traz em si. O pequeno Teodorico, de origem pobre, criado sem o amor dos pais, no meio de valores hipócritas da burguesia, transforma-se no Teodorico Raposão, apelido que recebe dos colegas, com orgulho, em razão de sua astúcia em busca do dinheiro da tia para “sua salvação na Terra”.

A ganância de Teodorico aumenta quando pensa que, no Céu, tudo deve ser tão perfeito quanto na casa da tia: anjos e santos recobertos de ouro e de pedras preciosas. Por Vicência, a criada da casa, ele fica sabendo que a tia

tinha sempre muito dinheiro em ouro numa bolsa de seda verde, e o comendador Godinho, tio dela e da minha mamã, deixara-lhe duzentos contos em prédios, em papéis, e a quinta do Mosteiro ao pé da Viana, e pratas e louças da Índia... (QUEIRÓS, 1999, p. 22).

Por isso, ele conclui que devia adular a tia para se tornar seu herdeiro: “Que rica que é a titi! É necessário ser bom, agradar sempre à titi!”.

Após o internato, Teodorico hospeda-se na casa do Dr. Roxo e, em seguida, na pensão das Pimentas. Daí em diante, começa a desfrutar dos prazeres que o dinheiro da tia pode oferecer, conhecendo “sem moderação todas as independências, e as fortes delícias da vida”. A partir de então, ele cria artimanhas e histórias para convencer sua tia de que é um homem honesto, religioso, e que odeia “relaxações” com mulheres. Gozando dos prazeres de uma liberdade sem limites, ele escreve-lhe contando sobre os falsos estudos, os jejuns e as novenas:

Todos os quinze dias, escrevia à titi, na minha boa letra, uma carta humilde e piedosa, onde lhe contava a severidade dos meus estudos, o recato de meus hábitos, as copiosas rezas e os rígidos jejuns, os sermões de que me nutria, os doces desagrvos ao Coração de Jesus, à tarde, na Sé, e as novenas com que consolava a minha alma em Santa Cruz no remanso dos dias feriados... (QUEIRÓS, 1999, p. 23).

O espírito aventureiro e manipulador do rapaz sofre com a chegada das férias de verão, que se tornam um sacrifício para Teodorico ao saber que terá de padecer junto da tia, com a rotina de orações e de compromissos religiosos que deverá cumprir em sua companhia. Ele sabe que apenas assim conseguirá agradar à tia beata e fanática:

Não podia sair mesmo a espontar o cabelo, sem implorar da titi uma licença servil. Não ousava fumar ao café. Devia recolher virginalmente à noitinha; e antes de me deitar, tinha de rezar com a velha um longo terço no oratório. (QUEIRÓS, 1999, p. 23).

Embora ambicioso desmedido, Teodorico fica sensibilizado com a história de Xavier, um parente afastado da titi, que vivia em pobreza quase extrema com a família. Pensa em pedir ajuda à tia, mas, diante da crítica que ela faz ao parente – que Xavier havia perdido tudo que tinha, porque vivia em relaxações –, ele concorda com a tia e prefere esquecer o assunto: “Tem a titi razão. Que se não metesse com saias”.

A conduta hipócrita de Teodorico esconde da tia as suas verdadeiras ações e o seu interesse por mulheres. Para melhor persuadi-la de sua indiferença pelo sexo oposto, Teodorico chega a simular uma carta em que se mostra chateado com um colega que o convida para a boemia:

Coloquei um dia no soalho do corredor, como perdida, uma carta com selo – certo de que a religiosa D. Patrocínio, minha senhora e tia, a abriria logo vorazmente. E abriu e gostou. (...) “Saberás que fiquei de mal com o Simões, o de filosofia, por ele ter me convidado a ir a uma casa desonesta”. (QUEIRÓS, 1999, p. 35).

Em diversas situações, Teodorico finge ficar maravilhado com as belezas da religião no oratório, o que deixa a tia deslumbrada, pois, como burguesa, deixa-se levar pelos adornos de santos e as expressões religiosas:

Quando cheguei a casa, senti que a titi estava no oratório, sozinha a rezar. Enfie para o meu quarto, sorratamente: despi a casaca, esguedelhei o cabelo; atirei-me de joelhos para o soalho – a fui assim, de rastos pelo

corredor, gemendo, carpindo, esmurrando o peito, clamando desoladamente por Jesus, meu Senhor. (QUEIRÓS, 1999, p. 39).

Teodorico parece não ter problemas de consciência. A culpa do seu jeito de ser é do mundo, que o deixou órfão e pobre, e da titi, que nunca lhe deu amor de mãe. A partir desse momento, perde o resto de caráter que lhe restava e passa a agir por interesse próprio. Cada vez que engana a tia, sente-se vingado por não ter tido, do mundo e dela, a vida fácil de que se acha merecedor. Resolve, então, tornar perfeita sua representação, amplia suas armadilhas para a tia e passa a dar lição de humildade e de devoção:

Pensando que o bacalhau das sextas-feiras não fosse uma suficiente mortificação, nesses dias, diante da titi, bebia asceticamente um copo de água e trincava uma côdea de pão.(...) No meu guarda-roupa, nesse duro Inverno, houve apenas um paletó velho, tão renunciado me quis mostrar aos culpados regalos da carne. (...) Nas paredes dependurei as imagens dos santos mais excelsos, como galeria de antepassados espirituais, de quem tirava o constante exemplo nas difíceis virtudes; mas não houve de resto no céu santo, por mais obscuro, a quem eu não ofertasse um cheiroso ramalhete de padre-nossos em flor. (QUEIRÓS, 1999, p. 40).

Convencida pelo Dr. Margaride, D. Patrocínio resolve enviar o querido sobrinho para uma viagem à Terra Santa, e pede que lhe traga uma relíquia, já que sua saúde não lhe permitia tamanho esforço. Teodorico entende que satisfazer esse desejo da tia era sua grande chance de se tornar herdeiro dela.

Na chegada a Jerusalém, inicia-se a desconstrução do ideal religioso burguês: a imagem do santuário, da Terra Santa e da morada eterna de Jesus, adorada pela titi, é demolida diante de muitos vendedores de relíquias falsas que encontra. Em Alexandria, Teodorico tem um caso com *Miss Mary*, uma luveira inglesa de reputação contestável, que lhe deixa de lembrança uma camisa de dormir, chamada por Teodorico de “relíquia de amor”.

Ligando sempre o amor ou o sexo com prostitutas ao dinheiro da tia, resolve escrever para ela, dizendo que está à procura da grande relíquia, aumentando ainda mais seu repertório de falsidades ao relatar visões de santos e conversas com imagens, nas quais D. Patrocínio é sempre louvada:

Querida titi do meu coração! Cada vez me sinto com mais virtude. E atribuo-a ao agrado com que o Senhor está vendo esta minha visita ao seu santo túmulo. De dia e de noite passo o tempo a meditar a sua divina Paixão e a pensar na titi. Agora mesmo venho da Via Dolorosa. Ai, que enternecedora que estava! É uma rua tão benta, tão benta, que até tenho escrúpulo de a pisar com os botins; e noutro dia não me contive, agachei-me, beijei-lhe as ricas pedrinhas! (QUEIRÓS, 1999, p. 83).

Continuando a ironia de Eça e desprezando a fé da tia, Teodorico faz do rio Jordão uma banheira:

Obedecendo à recomendação da Titi, despi-me, e banhei-me nas águas do Batista. Ao princípio, enleado de emoção beata, pisei a areia reverentemente como se fosse o tapete de um altar-mor; e de braços cruzados, nu, com a corrente lenta a bater-me os joelhos, pensei em São Joãozinho, sussurrei um padre-nosso. Depois ri, aproveitei aquela bucólica banheira entre árvores; Pote atirou-me a minha esponja; e ensaboei-me nas águas sagradas, trauteando o fado da Adélia.

(...) Não me contive, arranquei o capacete, soltei por sobre Canaã este urro piedoso: — Viva Nosso Senhor Jesus Cristo! Viva toda a corte do céu! (QUEIRÓS, 1999, p. 88).

Quando D. Patrocínio descobre que a relíquia que lhe trouxera o sobrinho era uma camisola de uma prostituta, Teodorico é expulso de casa. Passa a vender falsas relíquias para sobreviver, e, com isso, mostra que não tem nenhum arrependimento do que fez. Seu único desespero é ver-se sem o dinheiro da tia e as mordomias das quais gozava na casa dela:

Sim! Quando em vez duma coroa de martírio aparecera, sobre o altar da titi, uma camisa do pecado – eu deveria ter gritado com segurança: “Eis aí a relíquia! Quis fazer a surpresa... Não é a coroa de espinhos. É melhor! É a camisa de Santa Maria Madalena!... Deu-ma ela no deserto...”. (QUEIRÓS, 1999, p. 207).

No final do romance, quando o leitor imagina que Teodorico compreendeu a inutilidade da hipocrisia, por não ter continuado suas mentiras, ele demonstra que o germe da mentira e da falta de caráter está realmente em seu sangue.

Considerações finais

Na obra analisada, Eça de Queirós reproduz tudo que a sociedade europeia do século XIX queria esconder sobre a religião: a moral e sua relação com o trabalho e os meios lícitos de ascensão.

A relação de Teodorico com sua tia é baseada na moldura irônica que ambos usavam: ele, para esconder suas ações levianas; ela, para não demonstrar suas frustrações femininas. Tia e sobrinho vivem numa sociedade cujos critérios de classificação permitem representações diferenciadas. D. Patrocínio desempenha

seu papel de beata a partir da internalização de valores, influenciados pelo clero, na vida cotidiana de Portugal do século XIX. Teodorico, ao contrário, recebe a influência do clero e do mundo, isto é, de seus colegas da faculdade de Coimbra e das prostitutas. De acordo com esses códigos mundanos, o critério orientador de sua conduta é o capital.

Ao revelar a verdade que Teodorico escondia por trás da sua falsa beatice, Eça mostra mais do que a falsidade, o cinismo e a hipocrisia da personagem, isto é, uma sociedade moralmente em declínio, uma vez que Teodorico estabelece o interesse econômico como fundamental para respeitar e cumprir os desejos de uma beata seca e mal-amada, porém rica. Arrepende-se verdadeiramente não de sua imoralidade, mas de não ter tido a coragem de continuar a mentir no momento em que sua farsa foi revelada.

As personagens de Eça são o retrato de tudo que ele via na sociedade portuguesa da época, principalmente daquilo de que não gostava, a exemplo do clero e de pessoas falsas como D. Patrocínio. Teodorico demonstra o caráter de ficção da obra literária e as possibilidades de revelar as mazelas da sociedade, através da ironia de caricaturas e de cenários que funcionam como um retrato satírico do contexto.

Abstract

This article studies the construction of the character Teodorico in the novel **A relíquia**, by Eça de Queirós. Through the actions of this protagonist and narrator, Eça proposes a critical and an ironic view about the Portuguese society of the second half of the 19th century.

Keywords: Eça de Queirós; **A relíquia**; irony; Teodorico.

Referências

ALMEIDA, L. A. de. Consciência crítica de Eça: leitura pinçada em A Relíquia e outros textos. In: 150 ANOS COM EÇA DE QUEIRÓS. **Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos**. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, 1997.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DUARTE, Lélia P. **Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: Alameda, 2006.

MUECKE, D. C. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

NASCIMENTO, Lisley de S. A construção da ficção em *A Relíquia*: caricaturas e cenários. In: 150 anos com Eça de Queirós. **Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos**. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, 1997.

QUEIRÓS, Eça de. **A relíquia**. São Paulo: Klick Editora, 1999.

SARAIVA, Antonio J.; LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. Lisboa: Porto, 1985.